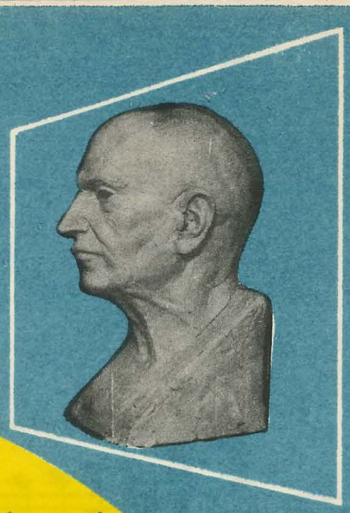
CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE



José Pedro de Alcântara

ONTEM, AO LUAR

CANÇÃO

Para piano-canto
e piano-solo

Gravada em discos "RCA Victor" e "Sinter",
de 78 r. p. m. e "long-playing".

Casa
ARTHUR NAPOLEÃO
Músicas

RUA EVARISTO DA VEIGA, 73 - TEL. 22-8549
C. POSTAL 536: - RIO DE JANEIRO - BRASIL

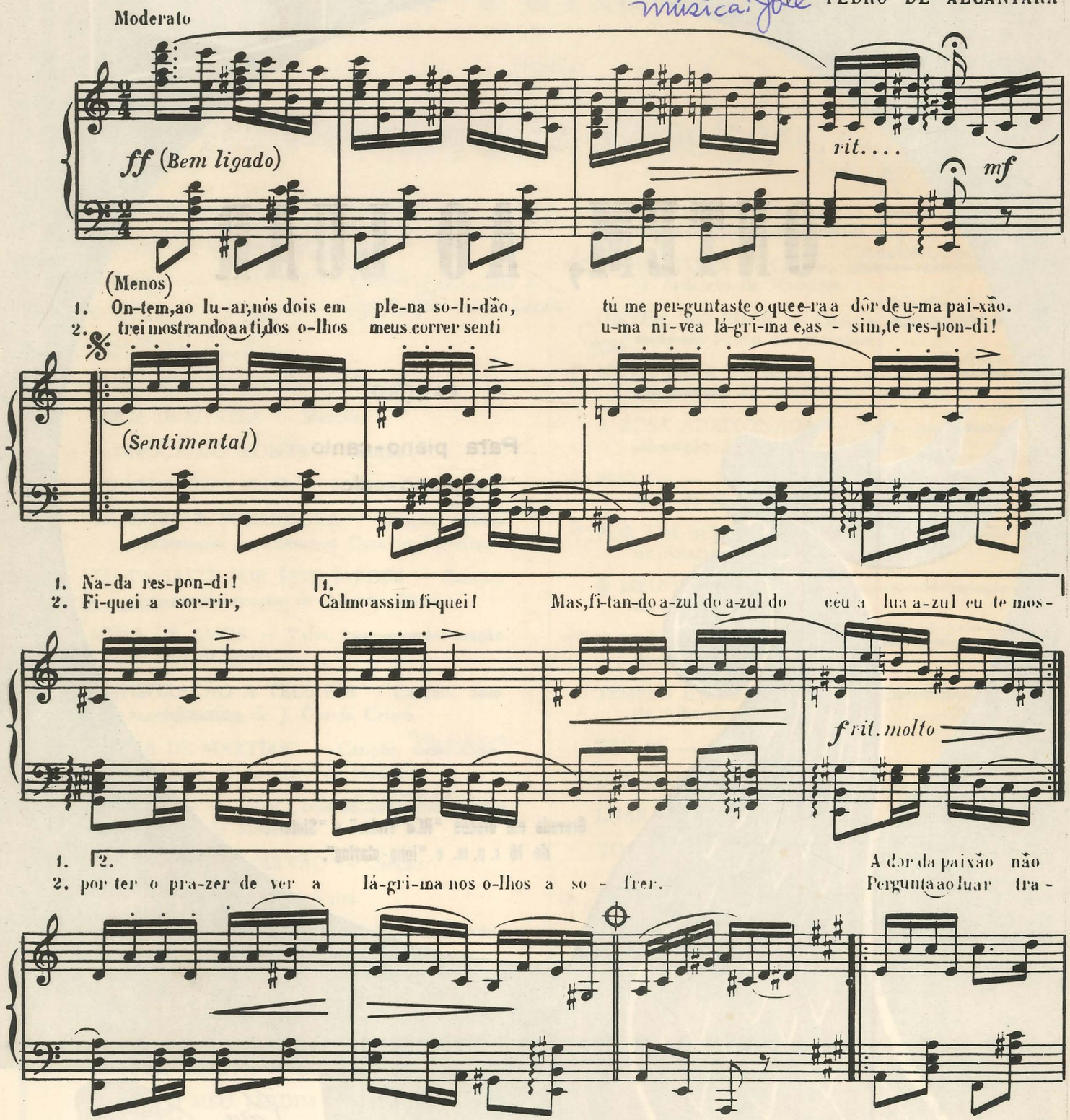
9540

Até 1989: Esta canção se chamará: Choro e poesia –
música de José Pedro de Alcântara
Letra: Heloísa Alcântara Bernardi

ONTEM, AO LUAR

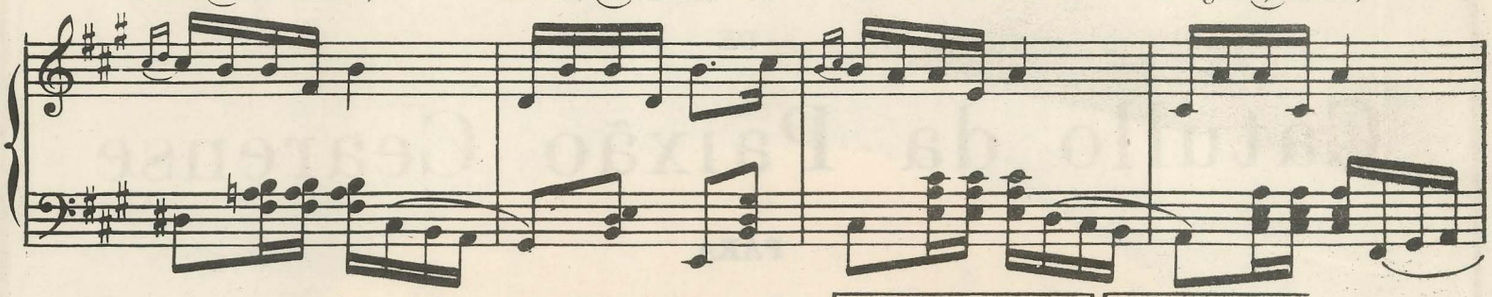
CANÇÃO

Letra: CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE
música: JOSÉ PEDRO DE ALCANTARA



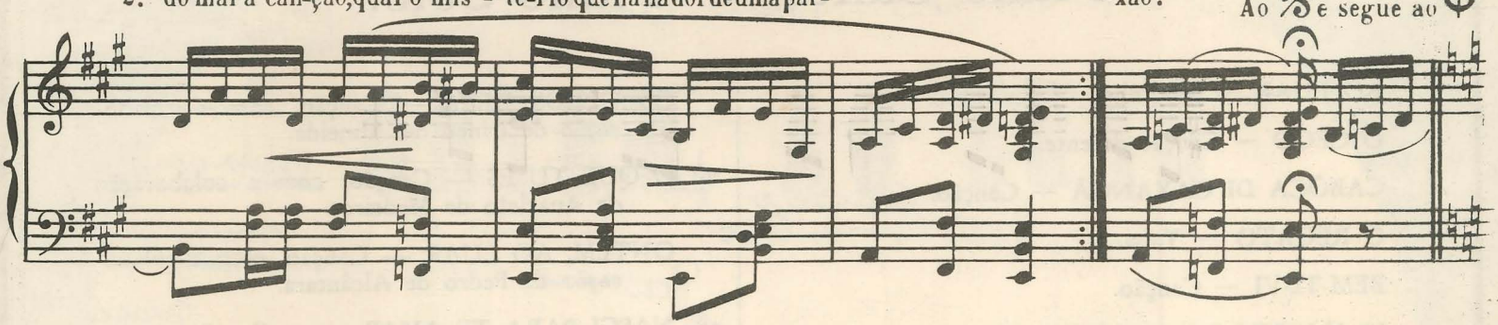
Propriedade exclusiva para todo o mundo de GUIMARÃES MARTINS, Rua Maestro Francisco Braga, 38-c, Apart. 204 (Copacabana) Rio de Janeiro, Brasil. Reservados, de acôrdo com a Lei, todos os direitos de execução pública, tradução, arranjo, fantasia, variação, adaptação, filmagem, gravação, edição, difusão etc. - etc. para todos os paizes do mundo.

1. tem ex-pli-ca-ção! Co-mo de-fi-nir o que só sei sen-tir! É mis-tér so-frer,
2. ves-so e tão ta-ful, de noi-te a cho-rar na on-da tô-da a-zul! Pergunta,ao lu-ar,

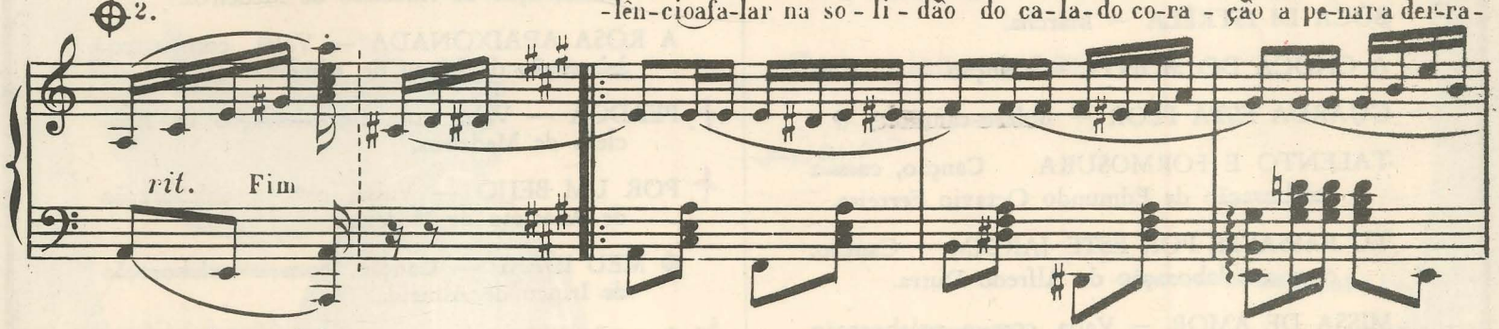


1. pa-ra se sa-ber o que no pei-to o co-ra-ção não quer di-zer.
2. do mar á can-ção,qual o mis - té-rio que há na dôr de uma pai- -xão.

Ao 𝄋 e segue ao ⊕

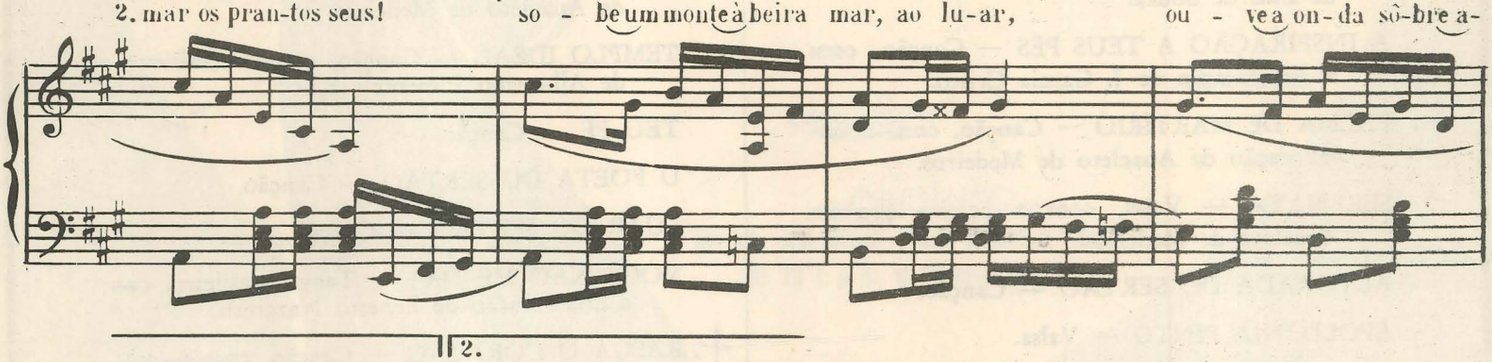


1. Se tu de - - se-jas sa-ber o que é o a-mor e sen-tir o seu ca - lor, o a-ma-ri-si-mo tra-
2. -lên-cio a fa-lar na so - li - dão do ca-la-do co-ra - ção a pe-na a der-ra-

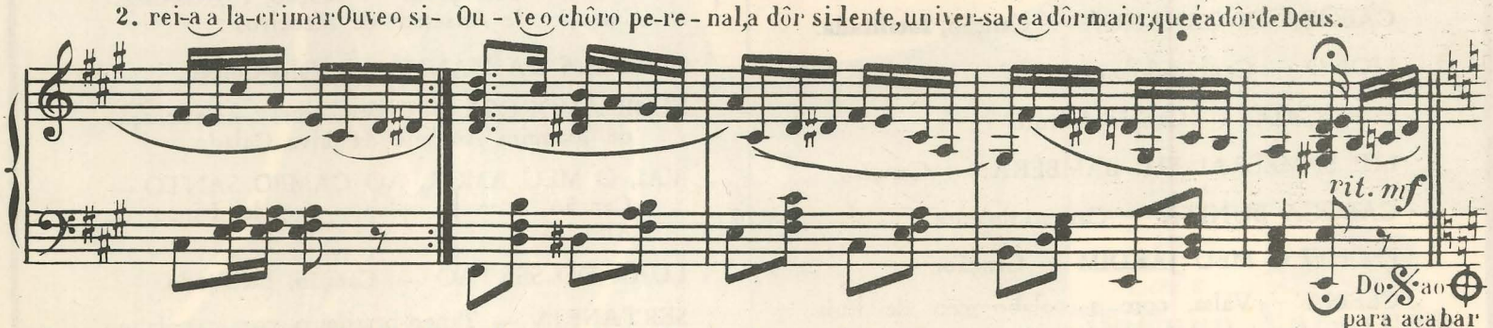


1. vor do seu dul-çor,
2. mar os pran-tos seus!

1. so - be um monte à beira mar, ao lu-ar, ou - ve a on-da sô-bre a-



2. rei-a a la-crimar Ouve o si- Ou - ve o chôro pe-re - nal, a dôr si-lente, univer-sal e a dôr maior, que é a dôr de Deus.



Copyright 1943 by Guimarães Martins. Registrada na Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil.
All rights reserved - Printed in the United States of Brasil.

Composições lítero-musicais

DE

Catullo da Paixão Cearense

PARA

Piano-Canto e Piano-Solo:

AO LUAR — Modinha. - Catulo

O CÉGO — Canção-dolente.

CABÔCA DI CAXANGÁ — Canção. Catulo e João Pernambuco

O REGATO — Valsa.

BEM-TI-VI — Canção.

U ALICRIM DA LAGÔA — Canção.

BÔCA DI ISTRÊLA — Marcha.

A CHÓÇA DO MONTE — Canção.

GUARDA ESTA FLOR — Boléro-canção.

TALENTO E FORMOSURA Canção, ~~com a colaboração~~ de Edmundo Octavio Ferreira. música

TU PASSASTE POR ÊSTE JARDIM — Canção, ~~com a colaboração~~ de Alfredo Dutra. música

MISSA DE AMOR — Valsa, ~~com a colaboração~~ de Luís de Souza.

A INSPIRAÇÃO A TEUS PÉS — Canção, ~~com a colaboração~~ de J. Garcia Cristo.

PALMA DE MARTÍRIO — Canção, ~~com a colaboração~~ de Anacleto de Medeiros. música

SERENATA — Valsa, ~~com a colaboração de~~ Anacleto de Medeiros. música

ALVORADA DO SERTÃO — Canção.

APOLLONIA PINTO — Valsa.

CABÔCA DI CAXANGÁ — Canção, **facilitada**.

LIONÔ — Canção-dolente.

U ROÇADO — Canção-dolente.

EH! BAMBÊRA! EH! BAMBÊRÁ! — Canção.

CABÔCA BUNITA — Canção-dolente.

FECHEI O MEU JARDIM — Canção.

CLÉLIA — Valsa, ~~com a colaboração~~ de Luís de Souza. música

OS OLHOS DELA — Canção, ~~com a colaboração~~ de Irineu de Almeida. Lyra dos Salões, 57 e 62

O QUE TU ÉS — Canção, ~~com a colaboração~~ de Anacleto de Medeiros. música

ONTEM, AO LUAR — Canção, ~~com a colaboração de~~ Pedro de Alcântara. música de José

NASCI PARA TE AMAR... — Canção, ~~com a colaboração~~ de Anacleto de Medeiros. música

A ROSA APAIXONADA — Valsa, ~~com a colaboração~~ de Irineu de Almeida.

PERDÔA — Valsa, ~~com a colaboração~~ de Anacleto de Medeiros. música

POR UM BEIJO — Valsa, ~~com a colaboração~~ de Anacleto de Medeiros. música

MEU IDEAL — Canção, ~~com a colaboração de~~ Irineu de Almeida.

O BOÊMIO — Samba-canção, ~~com a colaboração~~ de Anacleto de Medeiros. música

TEMPLO IDEAL — Canção, ~~com a colaboração~~ de Albertino Pimentel. albertino duarte Pimentel

TEU PÉ — Canção.

U POETA DU SERTÃO — Canção.

LUAR DO SERTÃO — Canção.

VOCÊ NÃO ME DÁ! — Tango-brasileiro, ~~com a colaboração~~ de Ernesto Nazareth. música

RASGA O CORAÇÃO — Canção, ~~com a colaboração~~ de Anacleto de Medeiros. música

O ADEUS DA MANHÃ — Valsa-canção.

FLOR AMOROSA — Chôro, ~~com a colaboração~~ de Joaquim Antônio da Silva Calado. música

VAI, Ó MEU AMOR, AO CAMPO SANTO — Canção, ~~com a colaboração~~ de Irineu de Almeida.

LUAR DO SERTÃO — Canção, **facilitada**.

SERTANEJA — Tango-brasileiro, ~~com a colaboração~~ de Ernesto Nazareth.

Fascinação por teus olhos — Cupertino de Menezes

+ Coração oculto — Anacleto de Medeiros

ONTEM, AO LUAR

CANÇÃO

(1.ª Parte)

Ontem, ao luar,
nós dois em plena solidão,
tu me perguntaste o que era a dor
de uma paixão.
Nada respondi!
Calmo assim fiquei!
Mas, fitando o azul do azul do céu,
a lua azul eu te mostrei...
Mostrando a ti,
dos olhos meu correr
senti
uma nívea lágrima
e, assim, te respondi!
Fiquei a sorrir,
por ter o prazer
de vêr
a lágrima nos olhos a sofrer.

(1.ª Parte)

Quando uma impiedade te vier
nalma esfolhar
dos agros pesares
o nigérrimo pesar,
a mágoa cruel,
a dor mais revel,
a que tem mais fel
e que contém o doce mel
das flores tôdas de um vergel...
a que me faz enlanguescer,
dor, que, dia a dia,
vejo rejuvenescer,
tu hás de sentir
no peito a sangrar
o coração,
gota por gota,
a soluçar.

(2.ª Parte)

A dor da paixão
não tem explicação!
Como definir
o que só sei sentir!
É mistér sofrer,
para se saber
o que no peito
o coração
não quer dizer.

(2.ª Parte)

Pergunta ao luar,
travesso e tão taful,
de noite a chorar
na onda tôda azul!
Pergunta, ao luar,
do mar à canção,
qual o mistério
que há na dor de uma paixão.

(1.ª Parte)

Olha como a tulipa envelhece
a desmaiar
e como languesce
num adeus crepuscular
e, órfã de amor,
tôda multicor,
ao doce frescor
do suspirar,
do soluçar
da venturosa,
harmoniosa
e generosa
viração,
suspira
e atira
as suas pétalas no chão!
Sente a flor brotar!
Logo após murchar!
Sente-a morrer...
e a dor
da flor
hás de entender.

(3.ª Parte)

Se tu desejas saber o que é o amor
e sentir o seu calor,
o amaríssimo travor
do seu dulçor,
sobe um monte à beira mar,
ao luar,
ouve a onda sôbre a areia
a lacrimar!
Ouve o silêncio a falar
na solidão
do calado coração,
a penar,
a derramar
os prantos seus!
Ouve o chôro perenal,
a dor silente, universal
e a dor maior,
que é a dor de Deus.

(3.ª Parte)

Quando Jesus, meigamente
solitário,
no cimo do calvário,
seus olhos, indulgente,
erguia
aos céus,
quanta dor, quanta poesia,
a penar,
nos seus olhos luzluzia,
a meditar!
Não era a dor de não ter
êsse poder
de remir
a humanidade
da eterna atrocidade
do sofrer!
Era, sim, a crúcea pena
de sentir
por Madalena
o coração
desfalecer.

(1.ª Parte)

Se tu queres mais
saber a fonte dos meus ais,
põe o ouvido aqui
na rósea flor do coração,
ouve a inquietação
da merencórea pulsação...
busaa saber qual a razão
porque êle vive, assim, tão triste,
a suspirar,
a palpitar,
em uma desesperação,
a teimar,
de amar
um sensível coração,
que a ninguém dirá
no peito ingrato em que êle está,
mas que ao sepulcro,
fatalmente, o levará.